



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH CAMPUS IV
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**AIGO LIMA SILVA
ALANA MENDES SILVA ARAÚJO**

**FEIRA LIVRE EM QUIXABEIRA – BA: REDES DE SOCIABILIDADE E A
CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO**

**JACOBINA
2018**

AIGO LIMA SILVA
ALANA MENDES SILVA ARAÚJO

**FEIRA LIVRE EM QUIXABEIRA – BA: REDES DE SOCIABILIDADE E A
CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso Geografia da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientadora: Professora Mestre Jacy
Bandeira Almeida Nunes

JACOBINA
2018

AIGO LIMA SILVA
ALANA MENDES SILVA ARAÚJO

**FEIRA LIVRE EM QUIXABEIRA – BA: REDES DE SOCIABILIDADE E A
CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso Geografia da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

APROVADA:

Professora Mestre Jacy Bandeira Almeida Nunes
Orientadora
UNEB

Professor Mestre Edvaldo Hilário dos Santos
UNEB

Professora Mestre Dolores Bastos de Araújo Hayne de Oliveira
UNEB

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus que nos deu a vida e forças para chegarmos até aqui.

Aos nossos familiares pelo apoio concedido em momentos que a caminhada parecia não ter mais fim.

Aos meus Pais, em especial a minha mãe que tanto me ajudou nas horas difíceis, suas palavras de motivação e amor sem medidas. (Alana)

Aos amigos por palavras de incentivo, e que com muita descontração sabem driblar os momentos difíceis.

Aos colegas de curso (sem citar nomes para não esquecer alguns) que tantas vezes nos ajudaram, incentivando e acreditando em nós.

Aos professores de que contribuíram para que cada dia buscássemos novos conhecimentos ao longo da jornada acadêmica.

A orientadora Jacy Bandeira pela paciência e dedicação de seu tempo nesse trabalho.

Aos frequentadores da feira livre, pois só foi possível a realização dessa pesquisa por conta da colaboração deles.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo geral compreender a relevância, a dinâmica e as redes de sociabilidades estabelecidas na feira livre de Quixabeira – BA que por sua vez influenciam na construção do sentimento de pertencimento de seus frequentadores em relação ao lugar. Os objetivos específicos são identificar a relação que se estabelece entre o lugar, as redes de sociabilidades e o sentimento de pertencimento e identificar ainda as principais redes estabelecidas na feira livre. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Foram utilizados os métodos de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, sendo os instrumentos de coleta dos dados, as entrevistas realizadas com os frequentadores, a História Oral utilizada com alguns moradores antigos da cidade de Quixabeira e as observações *in loco*. Nos resultados alcançados percebe-se a existência de várias redes de sociabilidade na feira, tais como, a colaboração, solidariedade, as regras e amizades entre os frequentadores e essas formas de sociabilidade fazem da feira um lugar.

Palavras-Chaves: Redes de sociabilidade. Feira-livre. Sentimento de pertencimento. Lugar

ABSTRACT

The main objective of the present research is to understand the relevance, dynamics and networks of sociabilities established in the *Quixabeira - BA* free trade fair, which in turn influence the construction of the sense of belonging of its visitors to the place. The specific objectives are to identify the relationship that is established between the place, the networks of sociabilities and the feeling of belonging and to identify still the main networks established in the fair. This is a qualitative approach research. The methods of bibliographical review and field research were used, with the instruments of data collection, the interviews with the attendants, the Oral History used with some ancient residents of the city of Quixabeira and the in loco observations. The results show that there are several networks of sociability at the fair, such as collaboration, solidarity, rules and friendships between the customers and these forms of sociability make the fair a place.

Keywords: Networks of sociability. Free fair. Feeling of belonging. Place

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Cotidiano da Feira	33
Imagem 2: Artesanatos da feira	34

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização da atual Praça da Feira	30
---	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
	CAPÍTULO I	13
1	REDES E O LUGAR	13
1.1	O conceito e origem da palavra rede	13
1.2	Lugar: análise conceitual	18
1.3	Redes de sociabilidade e sentimento de pertencimento	20
	CAPÍTULO II	24
2	FEIRA- LIVRE E QUIXABEIRA-BA	24
2.1	Histórico da Feira Livre	24
2.2	Quixabeira: Surgimento da Feira	27
	CAPÍTULO III	32
3	FEIRA LIVRE ESPAÇO DE INTERAÇÕES	32
3.1	Adentrando a feira	32
3.2	As Redes presentes na feira	34
	3.2.1 O processo	34
	3.2.2 Os resultados	36
3.3	O sentimento de pertencimento na Feira Livre	39
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICE A	46
	APÊNDICE B	48

INTRODUÇÃO

As feiras livres sempre estiveram presentes no cotidiano dos povos desde a antiguidade, exercendo um importante elo entre pessoas, as trocas e o comércio. Pensar a feira livre é entendê-la enquanto palco de variadas manifestações sociais, culturais e que representa o encontro de feirantes e clientes em períodos determinados.

A investigação tem como objeto de pesquisa a feira livre de Quixabeira – BA, com foco na sua relevância e dinâmica através nas interações socioespaciais mantidas pelos seus frequentadores, isto é, nas redes de sociabilidades, bem como a influência destas no processo de construção do sentimento de pertencimento em relação ao lugar. Tendo como questão norteadora: de que forma as redes de sociabilidade influenciam na construção do sentimento de pertencimento dos frequentadores da feira livre?

Partimos do pressuposto de que as redes de sociabilidade estão relacionadas às interações que os atores sociais mantêm em um determinado espaço, e através dessas interações, vários aspectos vão sendo desenvolvidos ao longo do tempo, como por exemplo, a solidariedade, a afeição, os símbolos que são criados, as regras tácitas, a amizade e a colaboração.

Nessa perspectiva, compreender a relevância e a dinâmica das redes de sociabilidades estabelecidas na feira livre de Quixabeira – BA e que influenciam na construção do sentimento de pertencimento de seus frequentadores em relação ao lugar, constitui-se no principal objetivo da presente pesquisa.

Mas por que pesquisar a feira livre de Quixabeira? Em primeiro lugar, por sermos moradores da referida cidade e diante disso, o nosso anseio era pesquisar algum aspecto relevante dentro do nosso contexto social. Segundo, pelo fato de estarmos em um curso de licenciatura em Geografia, e uma feira livre, seja ela em qualquer cidade, é um evento que envolve pessoas, deslocamentos, comércio, interações, sentimentos de pertencimento, territorialidades, redes e outros tantos fatos e/ou fenômenos que variam a depender do foco do pesquisador, sendo que tudo isso são processos socioespaciais relevantes para a ciência geográfica.

Para chegarmos aos resultados da pesquisa utilizamos dois procedimentos que se articularam e auxiliaram na elucidação do objeto de investigação. Primeiro, a revisão bibliográfica, ou seja, buscamos outras pesquisas de autores que já

discutiram feira livre, redes de sociabilidades e interações socioespaciais com o intuito de compreender os conceitos; cotejar os procedimentos e técnicas utilizados; identificar as lacunas; e, analisar os resultados obtidos. O segundo procedimento foi à pesquisa de campo, que contemplou duas técnicas de investigação, a entrevista narrativa e história oral. As entrevistas narrativas foram realizadas com os frequentadores da feira a fim de percebermos as redes de sociabilidades estabelecidas entre eles e a construção do sentimento de pertencimento. A história oral foi usada com o senhor Dalberto Lima Novaes, pessoa que é influente na cidade, o mesmo é sobrinho do fundador de Quixabeira, o senhor Martinho Pereira Lima e vivenciou, quando pequeno, parte do processo de surgimento da cidade, também foi um importante político, atuando na câmara de vereadores e como vice-prefeito. Também nos valem da história oral com o senhor Irineu Lopes, o mesmo possui uma idade de cento e cinco anos e apesar de na época do surgimento da cidade e conseqüentemente da feira ele ainda morava na fazenda cafundó, próxima a Quixabeira, ele vivenciou o surgimento, pois se lembra quem eram os primeiros moradores do até então povoado.

Dividimos o trabalho em três capítulos para uma melhor compreensão dos leitores. No primeiro capítulo, oriundo das inferências obtidas com a revisão bibliográfica, desvelamos os principais conceitos que serviram de suporte para a pesquisa e a discussão sobre a relação que se estabelece entre o lugar, as redes de sociabilidades e o sentimento de pertencimento.

No segundo capítulo, apresentamos a feira livre de maneira geral, isto é, como ela surgiu, quais foram os primeiros povos a ter essa prática de estabelecer feiras livres, sua dinâmica e importância para os lugares. Continuamos a nossa discussão relatando como a feira livre surgiu em Quixabeira e como também a cidade surgiu e qual a importância desta para o município, tendo por base a história oral contada por Dalberto Lima e Irineu Lopes. Mostramos também um mapa de localização da feira.

No terceiro capítulo começamos descrevendo a dinâmica e importância da feira para a cidade e apontando como ocorreu o processo de pesquisa e os instrumentos que utilizamos na coleta de dados bem como os tópicos guias que foram usados nas entrevistas. Depois disso apresentamos os resultados obtidos com as entrevistas e relatamos como foi à experiência de ir a campo pesquisar, como a dinâmica da cidade se altera no dia feira, comparamos as falas dos

entrevistados com o que os autores dizem sobre as redes de sociabilidade e o sentimento de pertencimento. E por fim, analisamos como o sentimento de pertencimento é construído diante das influências que as redes de sociabilidades exercem no cotidiano de seus frequentadores.

Vale ressaltar que houve a preocupação com a identidade dos entrevistados e que seus verdadeiros nomes não serão divulgados nessa pesquisa, para tanto, usamos a sequência lógica F1, F2 e assim sucessivamente. As falas concedidas foram transcritas, de forma fidedigna ao que os entrevistados colocaram.

CAPÍTULO I

1. REDES E O LUGAR

1.1 O conceito e origem da palavra rede

Em termos gerais, o conceito de rede está ligado a circulação de elementos no espaço geográfico e suas conexões, ultimamente ganhou mais relevância, pois segundo Dias (2007) foi largamente difundido pela aceleração de pelo menos quatro grandes fluxos de: mercadorias, pessoas, informações e capitais.

Souza (2013) diz que nas décadas de oitenta e noventa, o conceito de rede tornou-se uma real perspectiva de abordagem da realidade. Nos dias de hoje a “febre” parece ter acabado, porém não sendo mais uma novidade, é um conceito que possui relevante potencial e que pode ser aplicado em diversas situações.

Saint-Simon (*apud* SOUZA, 2013, p. 164) filósofo e sociólogo francês foi um dos principais colaboradores para o desenvolvimento do conceito e através das suas contribuições é que as redes técnicas ganharam importância. O filósofo mostra que: “[...] redes técnicas (designando-se por isso, basicamente as redes de infraestrutura técnica: de redes de abastecimento de energia até redes viárias, passando por redes de esgotamento sanitário, de abastecimento d’água, de telecomunicações etc.)”. Sendo assim, as redes técnicas dependem de toda uma infraestrutura para existirem, e a cada salto de inovação tecnológica sofrida pela sociedade o conceito se revigora e ganha um novo significado, para exemplificar esse processo podemos pensar na rede mundial de computadores mais conhecida como internet.

Devemos lembrar também de um importante aspecto no que diz respeito aos estudos da rede que é a questão da teoria das localidades centrais formulada por Christaller em 1933. Como o próprio nome aborda: localidades centrais implica que dentro de uma rede de distribuição de bens e serviços há alguns centros que são mais importantes que outros, confirmando a ideia de Corrêa que afirma: “[...] uma rede hierarquizada e integrada nacionalmente de centros de distribuição de serviços, isto é, localidades centrais, [...] com o domínio de um modo de produção onde o capital penetra na esfera de produção”. (1997, p. 17)

Segundo o que Corrêa coloca, essa teoria é percebida junto ao surgimento do capitalismo e seu domínio na sociedade, no qual alguns poucos começaram a deter

os meios de produção, sendo assim, passaram a estabelecer-se como pontos de uma hierarquia mais elevada que os demais, fazendo que os outros pontos sejam subordinados a estes.

Nessa perspectiva, Haesbaert (2002) afirma que o conceito de rede nasce paralelamente ao capitalismo quando pesquisadores se utilizam do termo na tentativa de explicar diversas formas espaciais disseminadas pelo sistema capitalista no século XIX. Portanto, o conceito de redes está intimamente ligado ao capitalismo, uma vez que o mesmo permitiu uma maior fluidez de mercado, interligando assim, pelo fluxo de mercadorias, as cidades e até mesmo os países, estabelecendo desse modo diversas redes geográficas, “Por rede geográfica entendemos “um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações.” (CORRÊA, 1997, p. 107). Sabendo da existência dessas “ligações” que conectam pessoas, bens materiais, informações, entre si em diferentes pontos do espaço geográfico, compreendemos a importância da rede geográfica para o funcionamento de serviços essenciais na sociedade moderna.

Os estudos sobre as redes marcam uma nova perspectiva de pesquisa da ciência geográfica, a qual por muito tempo teve como base para suas indagações as regionalidades. Diante desse pressuposto, Moreira salienta que: “[...] o recorte regional tradição do olhar geográfico: fazer geografia é fazer a região, dizia-se. A organização espacial da sociedade é a organização regional e ler a sociedade é conhecer suas regionalidades.” (2007, p. 57).

No entanto, outra forma de pensar a organização espacial da sociedade começará a ganhar importância, ainda que não percebida, diante de alguns processos pelos quais a sociedade vem passando, processos estes que estão ligados ao modo de produção capitalista. Moreira (2007) faz alusão a alguns desses eventos tais como o renascimento aonde veio à expansão mercantil e as grandes navegações, esses eventos provocaram uma repaginada na organização mundial dos países e civilizações, vale ressaltar também as revoluções industriais ocorridas nos séculos XVIII, XIX e XX nas quais as funções de cada país foram reorganizadas pela nova divisão internacional do trabalho e as trocas dentro de uma economia industrial se intensificaram.

Nessa ótica, a região foi ganhando importância na organização espacial das sociedades modernas, primeiro as regiões homogêneas depois as regiões polarizadas. Para Moreira (2007), a partir daí a ordem espacial se dilui diante da

arrumação do espaço em rede. “A organização em rede vai mudando a forma e o conteúdo dos espaços” (2007).

Portanto, os grandes avanços no meio técnico permitiram uma melhor conexão entre os espaços existentes no globo, permitindo assim a organização em rede. Essas interligações entre as cidades e as relações de trocas comerciais e financeiras e até mesmo de pessoas que há entre os países, cidades etc., são chamadas de redes urbanas como afirma Souza:

Mesmo no interior de único um país, é claro que nem todas elas se articulam entre si; algumas se articulam muito forte e diretamente entre si (mediante meios de comunicação e transporte, permitindo fluxos de informação, bens e pessoas), mas outras se articulam indiretamente, por intermédio de outras cidades. O que importa é que, seja no interior de um país, seja em escala planetária nenhuma cidade existe totalmente isolada, sem trocar informação e bem com o mundo exterior; caso contrario não seria uma cidade. De maneira muitíssima variável no que concerne ao tipo de fluxo e, sobretudo, à intensidade dos fluxos, todas as cidades se acham ligadas entre si no interior de uma rede – no interior da rede urbana. (SOUZA, 2005, p. 49-50).

A cidade ganha uma função primordial dentro da organização do espaço em rede tendo em vista que ela fazer o papel de um nó nessa interação, “A cidade vira o ponto de referência de uma gama de conexões que recobre e vai deitar-se sobre o espaço terrestre como um todo numa única rede” (MOREIRA, 2007, p. 58). Algumas cidades se tornam centros nodais mais importantes que outras, e acabam mantendo interações de forma hierarquizadas com outros centros de menor importância. Corrêa (1997) apresenta os padrões espaciais das interações, onde algumas surgem como um poderoso nó onde são focalizados vias e fluxos vinculados a nós menores. Essa hierarquização entre as cidades ocorre desde o período colonial, sobre isso Corrêa diz que:

Primeiramente, uma rede dentríca de localidades centrais caracteriza-se pela origem colonial, ou seja, é no âmbito da valorização dos territórios conquistados pelo capital europeu que nasce e se estrutura uma rede dentríca. Seu ponto de partida é a fundação de uma cidade estratégica e excentricamente localizada em face de uma futura hinterlândia. Essa cidade, de localização junto ao mar, é o ponto inicial de penetração do território e sua porta de entrada e saída. (CORRÊA, 1997, p. 43)

Não sem sentido que hoje as principais cidades brasileiras, ou seja, aquelas que são os maiores centros dentro da rede urbana se encontram no litoral do país, justamente por serem locais estratégicos e que facilitam a entrada de bens, pessoas e serviços, bem como o escoamento de vários produtos do interior de centros de

menor importância na rede. Essa localização dos grandes centros nas regiões litorâneas facilita as interações e trocas com centros de outros países, segundo Souza:

É costume falar da rede urbana como se ela fosse um fenômeno, por assim dizer, “nacional”, pelo fato de que os estudos e classificações das cidades ao longo da rede urbana, usualmente, possuem uma abrangência nacional: rede urbana brasileira, rede urbana alemã, rede urbana argentina... Todavia, todos sabemos que as cidades de um país estão direta ou indiretamente, ligadas às cidades de outros países. Os bens que são consumidos, ou as informações trocadas entre empresas, o dinheiro enviado por emigrantes e os lucros remetidos por filiais de empresas multinacionais – tudo isso, e muito mais, mostra como, mesmo na escala internacional, as cidades estão articuladas entre si, econômica, cultural e até politicamente. (SOUZA, 2011, p. 50).

Sendo a cidade principal elemento, quando pensamos a sociedade em rede, cada uma delas adquire funções específicas dentro desse arranjo espacial, algumas são fornecedoras de mão de obra, outras se caracterizam pelo fornecimento de matérias primas, outras são os grandes centros produtores e exportadores dos produtos industrializados, algumas dessas funções se repetem entre si, enfim, todas as cidades de uma forma ou de outra são encaixadas na rede. Como confirmação disso, Corrêa aponta que:

O tema rede urbana tem sido abordada pelos geógrafos por diferentes vias. As mais importantes dizem respeito à diferenciação das cidades em termos de funções, dimensões básicas de variações, relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, hierarquia urbana e relações entre cidade e região. (CORRÊA, 2006, p. 17)

Diante disso, cada cidade desempenha uma função que interfere nas outras interligadas pelos fios da rede, caso uma delas deixe de realizá-las, a rede sofrerá prejuízos, as circulações de mercadorias, pessoas, informações, bens ou serviços não acontecerão de forma satisfatória. Moreira periodizou a história das cidades dentro da perspectiva da rede:

O século XIX é o tempo da hegemonia das cidades portuárias como Londres, Hamburgo, New York, Rio de Janeiro. O Século XX é o tempo da cidade multimodal, em que o aeroporto substitui o papel anterior do porto. Até que chegamos a cidade da rede virtual de hoje. E, assim, à sociedade em rede. (MOREIRA, 2007, p. 58).

Portanto, o espaço organizado em rede permite a interconexão e conseqüentemente facilita as interações socioespaciais entre diversos pontos no globo, desse modo, ocorrem muitas trocas de informações, serviços, capitais

peças e outros elementos, entre cidades países, regiões, e isso é um reflexo da sociedade globalizada. Essa forma de organizar a sociedade dá lugar a mudanças constantes, associado ao aumento da densidade da escala de circulação.

Mas afinal, qual o conceito de rede? A palavra rede foi usada em diversos momentos para conceituar alguns processos vividos pela sociedade, iniciaremos pelo significado da palavra. “A palavra rede provém do latim *retis* e aparece no século XII para designar o conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós”. (DIAS, 2007, p. 14).

Segundo Dias (1995) e (2007) foi Saint-Simon foi um dos primeiros a formalizar o conceito moderno de rede tendo em vista a organização do território francês em redes, mais precisamente em redes técnicas no intuito de facilitar que todo o território fosse favorecido com a circulação dos serviços, bens e informações. “Saint-Simon parte da ideia de que o corpo humano se solidifica e morre quando a circulação é suspensa.” (DIAS, 2007, p.16). No território francês poderia acontecer o mesmo. Portanto, suas ideias estão ligadas a circulação dos fluxos na França, garantido melhorias de vida para as mais variadas camadas da população. E a depender do nível de tráfego presente nas redes pode-se classificá-las como redes de primeira ordem e redes secundárias (DIAS, 1995).

Partindo para um debate mais atual, não há que se falar em conceito pronto e acabado para o termo rede, visto que foi utilizado em larga escala para definir vários estudos sobre a sociedade, logo seu entendimento estará ligado ao viés de análise que é feita sobre a circulação de bens, serviços e pessoas na sociedade, seja no aspecto material ou psicológico surgindo neste a noção de redes de sociabilidade o qual será tratado posteriormente.

[...] evitamos a tentação de buscar responder definitivamente à questão – o que é a rede? Procuramos reconhecer como, a longo prazo, a noção foi ressignificada em diferentes contextos históricos e culturais, e como o debate atual vem sendo construído. (DIAS, 2007, p. 24)

Como visto acima, não se deve buscar conceituar de forma definitiva o que é rede, mas sim conhecer seu significado levando-se em consideração qual o contexto em que ele está inserido e qual linha de estudo está seguindo.

1.2 Lugar: análise conceitual

Compreender as transformações que acontecem no espaço pode parecer complexo, mas para facilitar este estudo, a geografia conta com as categorias de análise que em suas particularidades conseguem preencher o todo da geografia, sendo estas: o espaço, a paisagem, a região, o território, e lugar.

Estaremos enfatizando a discussão sobre o conceito de lugar, sendo esta uma categoria bastante discutida por autores, como Tuan (1983), Carlos (2007), Nogueira (2013). “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). A partir do lugar que se habita, a vida vai tomando forma, constituindo vínculos entre os habitantes e o sentimento de pertencimento cria significado no lugar habitado.

Segundo Nogueira (2013) o conceito de lugar foi por muito tempo objeto de reflexão da ciência geográfica. Os lugares eram basicamente descritos, localizados e representados.

O lugar tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. Os homens não se movem no lugar abstrato e sim num lugar que é concreto e pessoal. O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significados. (TUAN, 1974, *apud* HOLZER 1999, p. 70).

Percebe-se uma preocupação inicial com o estudo do lugar, em localizar e descrever. Mas o lugar está para além da mera localização. O lugar é onde acontece a vida, nas trocas de experiências, nos laços de amizades, é onde as pessoas dão significado e aprendem a se relacionar com outros atores. É “[...] no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões” (CARLOS, 2007, p.17). Entende-se que o lugar é apropriado a todos os estilos de vida e que passa a ser sentido a partir da apropriação e vivências.

O lugar é a porção do espaço apropriado para a vida, apropriado através do corpo, dos sentidos, dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu senso* a menos que seja a pequena vila ou cidade-vivida- conhecida-reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 2007, p.17-18).

Conforme o fragmento citado pode-se perceber o lugar em suas particularidades, onde todos se reconhecem, são próximos, desenvolvem diálogos,

formam grupos de amizades, ou seja, é repleto de significado. Conhecer o lugar é conhecer a si mesmo, pois, é através das vivências no lugar e com outras pessoas que ali habitam que vão nos preenchendo do sentimento de pertencimento, pois, o lugar está intimamente ligado a quem somos. No lugar percebe-se a presença humana, a interação entre os homens e entre estes e a natureza. Não devemos olhá-lo como se estivéssemos fora dele, devemos perceber nossa condição de sujeito que está no mundo e que tem dele uma experiência. (NOGUEIRA, 2010, p.220)

Yifu-Tuan em sua obra (1983) *“Espaço e lugar”* traz maneiras pelas quais crianças recém-nascidas até a vida adulta concebem e sentem o lugar. Cada lugar tem um significado para o indivíduo. Tuan não imagina o lugar sem os homens, uma vez que os homens se relacionam, transformam e o dão significado. Para o autor:

A intimidade entre as pessoas não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos da verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, a qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. (TUAN, 1983, p, 156)

O ponto de vista do autor é que pensar os lugares nos faz refletir como estes são importantes para os homens e como gera afetividade, pois, são uma combinação que trazem sentimentos e significados pessoais e coletivos, visto que os lugares estão repletos de pessoas e tais pessoas constituem diversas vivências que ficam marcadas na memória.

Lugar lembra pertencimento que são os sentimentos existentes entre o indivíduo e seu ambiente de vida, pois, são nos encontros diários, na praça, na feira livre, no supermercado, na igreja, no trabalho que é gerado o contato com outras pessoas e os interesses em comum geram afetividade e, conseqüentemente, o conhecer, o compartilhar, o descobrir o lugar, deixando marcas na memória através das vivências.

Assim como o desenvolvimento da ciência geográfica, a ideia de lugar passa por evolução ao longo dos anos, através de estudos e também pelas transformações dos sujeitos e suas necessidades e ideologias. O lugar visto apenas como localização passa a ter um novo olhar, pois o lugar é onde acontece a vida, onde são celebrados os diversos sentimentos, é algo não apenas material, mas simbólico

no qual cada ser carrega consigo um significado é onde acontecem relações do homem com o lugar.

A compreensão do lugar nos faz refletir sobre a vida em suas particularidades, é no lugar que vivenciamos os seres a nossa volta, onde construímos amizades, laços afetivos, seja no trabalho, na feira livre, em casa, no espaço religioso, enfim, viver e valorizar as experiências de momentos corriqueiros que define quem somos e o que fazemos no mundo a nossa volta.

1.3 Redes de sociabilidade e sentimento de pertencimento

As redes sociais ou redes de sociabilidade têm relações diretas com as interações mantidas entres os atores sociais em um espaço e por certo período de tempo. Segundo Corrêa (1997) todos os indivíduos de uma forma ou de outra, estão envolvidos nas interações espaciais, ou seja, interagem no espaço com outros indivíduos, seja na ida ao culto religioso, na visita a parente e amigos, na ida ao cinema etc. A partir das interações entre os diversos atores sociais é que as redes de sociabilidade vão se mantendo no espaço/tempo.

Segundo Warren (2007), existe duas vertentes para definição das redes de sociabilidade, uma está mais relacionada à rede como uma explicação para estrutura social, a qual era mostrada como uma rede de relações realmente existentes, a outra vertente é uma forma de descrever as relações sociais primárias do cotidiano, sendo a segunda vertente a que mais nos interessa.

Os atores sociais se comunicam dentro do espaço e isso vai, na medida em que as interações são mantidas, criando elos dentro dessa comunicação e trocas de informações. Warren (2007) mostra que as relações de parentesco, vizinhança, amizade, grupos profissionais são atributos característicos presentes nas redes de sociabilidade e essas relações são as chamadas de primárias.

Para uma melhor compreensão do tema, Warren (2007) dividiu as redes sociais em três dimensões de análise, sendo uma delas a temporalidade que representa a comunicação em rede em tempo real, ou seja, é a interação que ocorre no presente, no vivenciar no estar ali. Outra é a espacialidade que representa a criação de territorialidades, que nesse caso seriam os laços indenitários e de poder

mantidos no espaço. E por fim, a própria sociabilidade, que são as formas de interações sociais que implicam em intensidade, abrangência, intencionalidade e mais afundo o seu significado e alcance, ou seja, qual o sentido para cada ator social de todas essas interações mantidas no espaço/tempo.

A palavra sociabilidade implica em interagir, se relacionar com pessoas dentro de um determinado espaço e implica também na apropriação e vivência entre os atores envolvidos nas interações sociais. Como confirmação disso, Morais e Araújo dizem que:

Enquanto isso, as sociabilidades, imbricadas nas territorialidades, são visibilizadas como um conjunto de apropriações, usos, discursos, olhares, polifonias e representações sobre determinados espaços, territorializados pelas ações conduzidas por grupos sociais. (MORAIS E ARAUJO, 2006, p. 246).

São as interações mantidas no espaço pelos grupos sociais que dão sentido ao espaço, os atores se veem com certa frequência, interagem, estabelecem entre si diversas regras tácitas, acordos, olhares, conversações, símbolos, enfim, diversos aspectos que só são possíveis entender de fato quem é parte integrante desses acordos e vivências, para uma melhor compreensão desses aspectos, Morais e Araújo usando a feira como exemplo de espaço de sociabilidade trazem a seguinte fala:

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos. (MORAIS E ARAUJO, 2006, p. 247).

Portanto, o que está em relevância nas redes de sociabilidade é a circulação do que Warren (2007) vai chamar de “Capital Social”, visto que ao invés da circulação de bens e serviços como é evidenciado nas outras perspectivas de rede, o capital que circula nas redes de sociabilidade é o capital social “[...] os mecanismos de reciprocidade ou de trocas que conectam os sujeitos – solidariedade, intercâmbios, ações comunicativas, relações de poder, etc. – os quais podem vir a ser definidos como “capital social”. (WARREN, 2007, p. 32). Essa é a ideia da sociabilidade na rede, a circulação de bens não monetários, mas sim

aqueles que representam os aspectos de afetividade e até de interligações entre os atores.

Mas, afinal, de que forma as redes de sociabilidade interagem com o lugar e conseqüentemente, qual o sentimento de pertencimento? Toda essa discussão sobre as redes de sociabilidade que traçamos até aqui, a abordagem de interações entre os sujeitos, de apropriar-se do espaço e vivenciá-lo esteve em ênfase, sendo assim, a ideia de sociabilidade tem ligações diretas com o sentimento de pertencimento.

Os atores sociais se sentem pertencentes a um determinado lugar quando interagem e se relacionam com diversos elementos que compõe aquele determinado espaço, sejam pessoas, objetos ou símbolos contidos ali. Ana Fani Carlos escreve que:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2007, p.22)

Seguindo essa linha de pensamento, percebe-se que, para se constituir um “lugar” e conseqüentemente existir sentimento de pertencimento, é necessário que o espaço seja permeado por interações sociais, a partir disso as identidades dos atores serão construídas em conjunto com as formas de sociabilidade no espaço. Scherer-Warren nos diz algo mais sobre as formas de sociabilidade dentro das redes:

As formas de sociabilidade nas redes, bem como as respectivas relações de identificações ou de assimetrias de poder, podem ser nomeadas de maneiras diversas, ou de acordo com as seguintes categorias analíticas: reciprocidade, solidariedade, estratégia e cognição (WARREN, 2007, p. 41).

E o que seria essas categorias trazidas por Warren se não as características que evidenciam a existência do lugar e a construção do sentimento de pertencimento? Como vimos em abordagens anteriores desse trabalho, o lugar implica na reciprocidade entre os atores envolvidos, na solidariedade, na vivência do espaço, em outros tantos diversos aspectos.

Gonçalves e Abdala ao discorrer sobre sociabilidade colocam que: “Afirma-se como família assinala justamente os traços que caracterizam uma sociabilidade; ser da família é ser do pedaço, é justificar sua pertença a algum grupo.” (GONÇALVES

E ABDALA, 2013, p.11). Vimos que a sociabilidade dá suporte para que o pertencimento seja desenvolvido em atores sociais de um determinado grupo, de uma família.

As redes de sociabilidade e o sentimento de pertencimento estão relacionados um ao outro porque ambos são constituídos a partir das interações sociais primárias (relações de parentesco, vizinhança, amizade, grupos profissionais etc.) existentes dentro do espaço, interações essas que dão sentido à vida dos sujeitos.

O lugar é o espaço responsável por abarcar e constituir os sentimentos de pertencimento, “O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida.” (CARLOS, 2007, p. 22). Partindo desse pressuposto, é notório que as redes de sociabilidade também são constituídas e abarcadas no lugar, visto que “a produção da vida” trazida por Ana Fani Carlos se materializa nas interações sociais como as de vizinhança, amizade e parentesco ao passo que as sociabilidades no espaço também são baseadas nesses mesmos aspectos. Para Warren (2005), uma rede que descreve as relações sociais primárias do cotidiano, tais como parentesco, amizade, vizinhança, religião e etc.

Portanto, para uma melhor compreensão do conceito de lugar é interessante fazer uma relação entre esses dois aspectos: sentimento de pertencimento e redes de sociabilidade, uma vez que as redes procuram descrever as relações primárias existentes dentro do espaço, ao passo que o pertencimento se refere ao sentimento que é construído a partir das interações e da vivência estabelecidas dentro do lugar, que neste caso podem ser as feiras livres como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

2. FEIRA- LIVRE E QUIXABEIRA-BA

2.1 Histórico da Feira Livre

Falar de feira livre é falar de relações, comércio, encontros, trabalhos, diversidade, sociabilidades e inúmeras outras coisas que nos vem à mente. “A palavra feira tem sua origem no latim, “*feria,ae*, dia de festa, mais comum no plural, *feria, arum*, dias consagrados ao repouso, festas, férias; em latim vulgar, mercado, feira, *porque os dias de festas religiosas eram aproveitados para comércio no local daquelas manifestações; por via popular*” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001; apud SATO, 2012).

Historicamente a feira é marcada por mudanças até chegar à feira dos dias atuais. Fenômeno que acontece desde a antiguidade, mais precisamente desde a Idade Média, na Europa, sendo um elemento importante para o desenvolvimento das cidades. Pirenne (1936) situa historicamente a origem das feiras livres: os mercados locais existentes no início do século IX, na Europa, com o objetivo de suprir à comunidade local com provisões necessárias a sobrevivência. As grandes reuniões de comerciantes de várias regiões europeias que comercializavam diversos produtos eram denominadas como feiras na Idade Média.

Seu auge foi experimentado na Europa por volta dos séculos XII e XIII. As feiras tinham larga abrangência, diferentemente dos mercados locais. Eram abertas a mercadores profissionais, abrigando o maior número possível de pessoas e tipos de artigos, independentemente dos interesses e das necessidades locais. (SATO, 2012)

Na Idade Média a Feira estava ligada as festas religiosas da época o que possibilitava fluidez maior de pessoas e mercadorias que em outros dias. Essa característica revela muito sobre a feira livre, pois nos dias atuais essa característica ainda permanece forte.

A palavra “feira” provém do latim “*feria*”, e significa dia festivo. Nos dias de festa os mercadores iam à praça pública negociar suas mercadorias. O termo “feira” surgiu em português porque na semana da Páscoa todos os dias eram feriados – férias ou feiras – e os mercados funcionavam ao ar livre (PAZERA JR 2005, p.25 apud JESUS e DAMERCÉ, 2016, p. 25).

A troca de produtos, comercialização e a aglomeração de pessoas para tal finalidade se fortaleceram com o tempo, se aprimoraram em épocas diferentes para atender as necessidades das pessoas, formando o que conhecemos por Feira ou mercados periódicos, que para Corrêa (2011) são:

Os Mercados Periódicos são definidos como aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade. (CORRÊA, 2011, p. 50).

No Brasil as feiras-livres existem desde o período colonial, os portugueses trouxeram essa forma de comércio para a então colônia (ALMEIDA, 2009). Nesse período muitos acontecimentos marcam a história do processo de colonização, e uma delas é quando Salvador torna-se a capital da colônia. Ao destacar a feira livre desse período, Matta (2013) relata que a primeira feira livre semanal do Brasil vai ocorrer na praça em frente ao portão de Santa Luzia, na atual Praça Castro Alves. Que segundo o autor:

Uma vez por semana os portões da cidade estariam abertos aos índios que assim desejassem, para que fosse ali comercializado todo o tipo de produção dos índios, vindo do reino ou das índias. A feira penetra fundo no interior, chega até mesmo aonde não tem nem mesmo consciência. Os Índios passam a contar com aquele tipo de estrutura de vida e começam a se acercar dele, a pensar nele, a pensar sobre o que levaria como produto para vender na próxima semana, sobre o que iriam adquirir e levar para suas casas. (MATTA, 2013, p.31.)

Nesse período, o objetivo da feira era o de estabelecer contato e relação com os nativos e foi utilizada como o local estratégico de trocas materiais e de relações sociais. Esse espaço além de estabelecer relações comerciais é também onde se manifesta a socialização da cultura de um povo, sendo ponto de encontro entre familiares, amigos, conhecidos, feirantes e consumidores que fortalecem seus laços. Podemos observar na fala de Leite que:

A feira livre se traduz num instrumento de civilidade, pois, são nesses dias que os sertanejos tomam conhecimento do mundo que o rodeia. Ela se constitui num acontecimento social, pois muitos só se encontram por ocasião de sua realização, e não raro se reúnem em pequenos grupos de conversas prolongadas, colocando em dia assuntos interrompidos em feiras anteriores. (LEITE, 1956, p.37).

Os estudos referentes à feira livre possuem um vasto campo de pesquisa, relacionadas às questões socioespaciais existentes no lugar onde a feira é

estabelecida. Nessa ótica, estudar a feira livre significa compreendê-la como campo onde se desenvolve diversas interações sociais.

Sendo a feira livre vivida e conhecida por aqueles que dela se apropriam, dotada de significados e percepções, criando vínculos entre as pessoas. A feira é um lugar público onde circulam pessoas de todos os tipos, independentemente de classe social e faixa etária. São vendedores, consumidores, jovens, crianças, idosos, pessoas que vão à feira não só com a finalidade comercial de suprir alguma necessidade, ou simplesmente espairer, conversar, e aproveitar o que a feira tem a oferecer. Para Leny Sato (2012) a feira livre não tem muros nem portões, cartão de ponto, um gerente ou um dono, ela é aberta a todos. Ou seja, é um espaço que a comunidade estabelece uma proximidade uns com os outros em um mundo cada vez mais individual.

A feira livre emana muitos cheiros, cores e sons. Os diversos temperos, os pescados, as frutas, as flores estimulam nossos sentidos quando para ela estamos a caminho. Os sons, a depender do horário, já anunciam as boas oportunidades de compras. Visualmente, somos fisgados pela diversidade de cores, formas e texturas e somos chamados a interagir continuamente com os feirantes (SATO, 2012, p. 25).

Na feira são comercializadas frutas, legumes, hortaliças, itens alimentícios, roupas, utensílios domésticos, artesanatos, plantas, e uma série de coisas para atender a demanda das comunidades nas quais acontecem, fazendo emergir várias redes e suas ramificações, que diferentemente dos moldes descritos no capítulo anterior, às redes que são estabelecidas dentro da feira livre não possuem um centro controlador das ações, ou seja, não existe uma hierarquia entre os participantes da rede como é no caso das redes urbanas. “Os fluxos de interação simbólica não estão norteados por um centro a partir do qual emanam as informações, as conversas e as decisões. “Os fios” que ligam as pessoas entre si estendem-se em diversas direções.” (SATO, 2012, p.136-137). Dessa forma, a depender da perspectiva em questão, qualquer ponto da feira pode se tornar um centro e a partir disso são tecidos vários fios que ligam às pessoas umas às outras e estabelecem dessa forma redes de interações sócio espaciais, ou seja, redes de sociabilidade.

2.2 Quixabeira: Surgimento da Feira

O surgimento da feira livre de Quixabeira não pode ser contado separado da história da cidade, visto que ambas surgiram juntas, uma não teria existido se não fosse à influência da outra, tudo ocorreu no mesmo tempo, com os mesmos interesses coordenados pela ideia de um único homem.

Para buscar esse registro histórico utilizamos o método da História Oral através da uma entrevista, em que o senhor Dalberto Lima Novaes e o Senhor Irineu Lopes nos concedeu, pois “[...] a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos,” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95 - 96). Baseado nessa fala percebe-se que o método da entrevista narrativa é eficaz dentro da pesquisa acadêmica.

Poucas pessoas conhecem a história de Quixabeira como Dalberto, nascido no ano de mil novecentos e quarenta e cinco (1945), ele é sobrinho do fundador da cidade, o senhor Martinho Pereira Lima (1918-1996). Vivenciou quando criança uma parte dessa história, é autor do livro *Quixabeira Nossa Terra Amada* que conta a história da cidade em forma de cordel, é compositor do hino municipal, do hino da bandeira, foi vereador de 1977 a 1983 quando Quixabeira era povoado da cidade de Serrolândia – BA, e foi vice-prefeito quando Quixabeira se emancipou entre os anos de 1993 e 1996. A nossa escolha pelo cidadão em questão se deu, pois: “A história oral investiga os fatos e acontecimentos registrados na memória de pessoas de destaque na comunidade”. (MARCONE; LAKTOS, 2011, p.284). O nosso ponto de vista é que em função de sua história de vida, ele tem bastante propriedade para falar do processo de surgimento da cidade e conseqüentemente da feira livre.

O Senhor Irineu Lopes, nasceu no ano de mil novecentos e treze, (1913), residia na fazenda Cafundó, mas vivenciou também o surgimento de Quixabeira; o mesmo tem uma memória e vitalidade muito boa.

Quixabeira está localizada no centro norte do estado da Bahia mais precisamente no Território de Identidade da Bacia do Jacuípe, seu clima é semiárido, fica localizada no polígono das secas do sertão nordestino com uma distância de 293 km da capital Salvador. De acordo com as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografias e Estatísticas (IBGE) em 2016 o município possuía uma

população de 9.414 habitantes. Faz divisa com os municípios de Capim Grosso, São José do Jacuípe, Várzea da Roça, Serrolândia e Jacobina e possui sob sua jurisdição sete povoados sendo eles: Alto do capim, Cova do Anjo, Campo Verde, Baixa Grande, Ramal, Várzea do Canto, Várzea Dantas e o distrito de Jaboticaba (SEI, 2016).

Quixabeira se formou a partir do ano de 1943, quando o senhor Martinho Pereira Lima, junto com seus amigos, pensou em criar um povoado nas terras da fazenda Lagoa das Quixabeiras, pertencente ao senhor José Sousa Novais, mais conhecido como Zé de Belau, seu sogro, que não gostou nem um pouco da ideia. A fazenda ficava às margens da estrada que ligava São José do Jacuípe a Itapeipú, e por ser rota dos tropeiros que vinham do sul da Bahia trazendo mantimentos, facilitaria o pouso dos mesmos e também ajudaria o comércio dos produtos da região, tais como: farinha de mandioca, mamona, ouricuri, pele de animais e outros. Apesar da não aprovação do seu sogro, Martinho não desistiu da ideia de transformar aquela fazenda em um povoado. O senhor Zé de Belau chateado com a determinação do seu genro, resolveu ir embora deixando o caminho livre para Martinho.

Martinho de Bela foi o primeiro que chegou ai, ele e Jove de Feli, foi o primeiro que botou uma casinha de negócio ai, compra pele de bode, licuri, essas coisas né e vendendo uma besteirinha. (LOPES, Irineu, 2018) Ele relata sobre os primeiros moradores a constituir, o futuro povoado e também como depois foi chegando mais pessoas e surgindo casas e mais casas

Esse por sua vez, aproveitando a oportunidade, logo iniciou a limpeza do terreno próximo à fazenda, construindo uma casa e um ponto de venda. Pouco a pouco, seus amigos também foram construindo suas casas e seus comércios, aumentando a população do povoado. Logo Martinho teve a idéia de formar a primeira feira livre. No dia 21 de abril de 1943 num domingo de páscoa, foi realizada a primeira feira livre, à sombra de um umbuzeiro. *O povo usava o pé de umbuzeiro pra pendurar as carnes, os bois, bode, porco e os outros botava suas barraquinhas por ali, começou a feira ali no dia vinte um de abril de mil novecentos e quarenta e três...* (LIMA, Dalberto, 2018). E continuou narrando que com o passar dos dias houve a necessidade de mudar o dia da feira:

O Padre Alfredo veio e falou que era pra mudar a feira do dia de domingo, porque domingo não pode, é o dia do senhor, pela questão religiosa né, então ele falou com o prefeito de Jacobina que naquela época chamava

ainda de intendente, Quixabeira pertencia a Jacobina, Quixabeira Jacobina Bahia, me lembro ainda das cartas, então o que aconteceu o prefeito o intendente de lá mudou a feira para quinta feira, varzêa do poço já era na sexta, e sábado já tinha Serrolândia, resultado qui botaram pra quinta, e quando eu alcancei, alcancei quinta porque eu nasci no ano de 45 e também criança não sabe de nada quando eu vim me ver o mundo era quinta feira, e por quinta ficou um tempão, não tenho aqui não sei se botei no livro, não lembro o ano, mas teve um ano qui a feira ficou fraquinha demais, então eles disse, vamo mudar a feira para sexta feira? já tem varzêa do poço, mas nada tal ta, então vamo botar pra sexta ai botou pra sexta feira, só botou uma vez, nem feira teve quase, quase acabou, quase acabou mesmo, ai vamo voltar pra quinta de novo, e pra quinta voltou e pra quinta estar, permaneceu quinta feira – isso Quixabeira como povoado.(LIMA, Dalberto, 2018).

A partir daí as primeiras casas foram sendo construídas e logo o pequeno povoado estava se formando. *Depois foi chegando gente, foi chegando, fazendo casa e agora ta esse mundo todo, tem casa aí que não sei como rendeu desse jeito não.* (LOPES, Irineu, 2018).

É possível perceber através do relato que o crescimento do povoado se deu juntamente com a formação da pequena feira livre, com um pequeno número de produtos, mas que desde então já conseguia atender a demanda das pessoas daquela época.

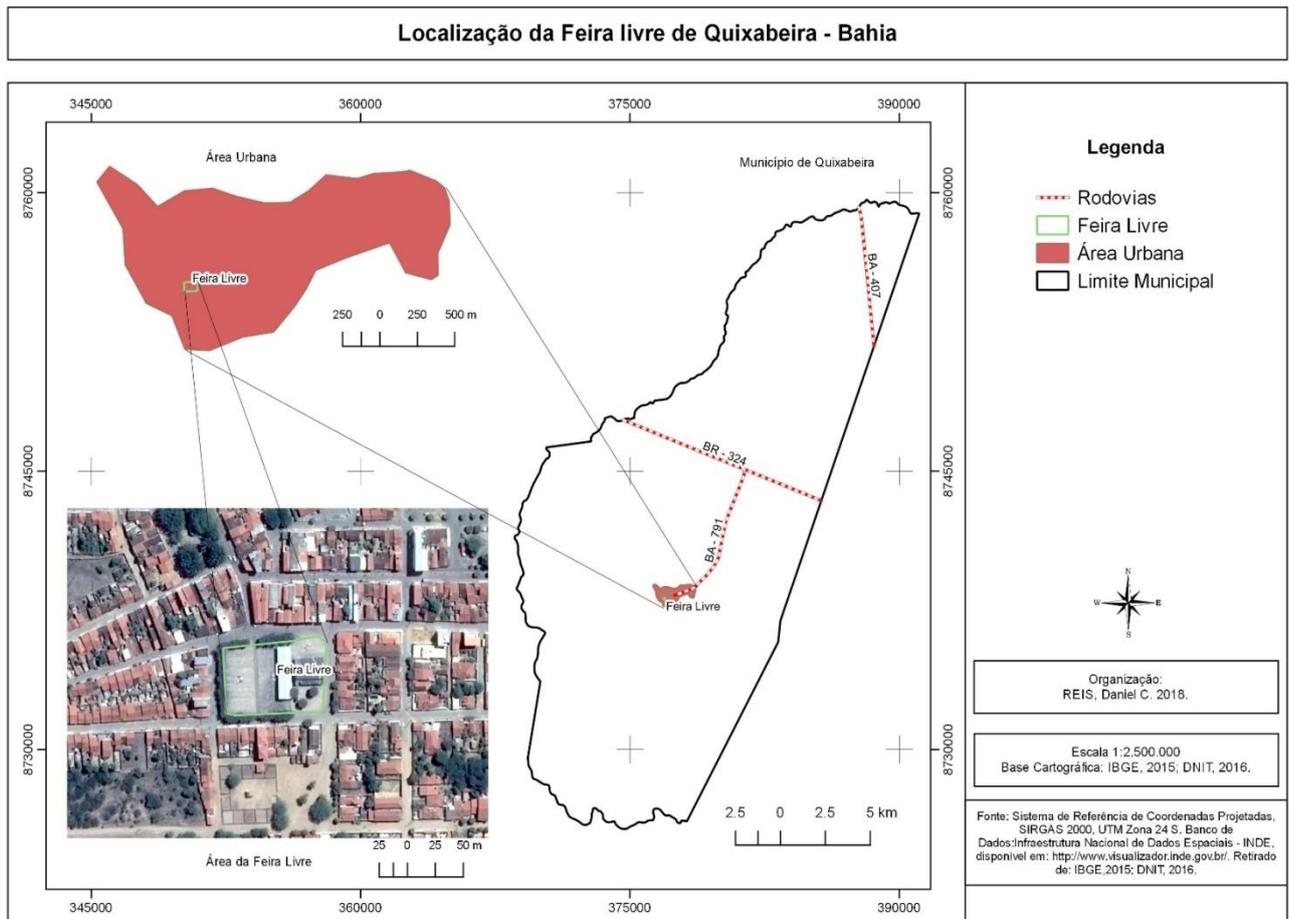
[...] eu nasci e quando eu tinha a idade de 5 anos ou 6 anos de idade, eu já estudava na Quixabeira e já tinha essa praça toda fechada, só o lado de cá onde tem a igreja católica, tinha a igreja católica, a casa de Lapial de lá pra cá que era do finado Absolon o avô de minha mulher, e pra baixo um pouquinho, tinha três meia aguinhas pequinininhas e depois no canto, onde era casa de João de Paixão, tinha casa do tio meu o irmão de meu pai, finado Odilon era até alfaiate e fez a casa parecida com aquela, o mais era só umas casinhas que isso e depois praça toda fechada já, e isso quer dizer o quê que ela evoluiu. (LIMA, Dalberto ,2018)

Em 1962, Serrolândia é emancipada e o povoado de Quixabeira que até então pertencia a Jacobina, é anexado a esse novo município. Alguns anos depois, já no final da década de 1970, o então vereador Raulindo de Araujo Rios, apresenta um projeto na Câmara Municipal de Vereadores de Serrolândia de elevar o povoado à condição de distrito, o que veio a acontecer em 1978.

O mesmo vereador, junto com outros vereadores da época e vários membros da sociedade, em 1980, travou uma batalha na Assembléia Legislativa da Bahia para emancipar Quixabeira. E, nove anos depois acontece o plebiscito onde o povo diz sim à emancipação. No dia 14 de junho de 1989, sob a lei 5.019/89, Quixabeira é desmembrada do território de Serrolândia e torna-se município, 46 anos depois de

sua fundação. Em 15 de novembro de 1989 houve a primeira eleição com 2.534 eleitores.

Mapa 1: Localização da atual Praça da Feira



Fonte: REIS, Daniel C. 2018.

Hoje a feira fica localizada na Praça Raulindo Rios, popularmente conhecida como praça da feira, onde são comercializados diversos produtos do gênero alimentício (carnes, legumes, frutas, hortaliças, entre outras), confecções (roupas, calçados, utensílios para o lar), produtos, artesanais (chapéus, esteiras, objetos de barro), além dos lanches que são comercializados na feira. Ainda podemos citar a feira do gado, que é uma das mais frequentadas da região, são comercializados caprinos bovinos e suínos, esta parte da feira atrai muitas pessoas do município e também das cidades vizinhas.

CAPÍTULO III

3. FEIRA LIVRE ESPAÇO DE INTERAÇÕES

3.1 Adentrando a feira

A feira livre se faz presente no cotidiano dos quixabeirenses desde sempre, pois, como foi relatado anteriormente, Quixabeira e sua feira nasceram juntas. Falar da feira é lembrar é de algo bom, a feira retrata muitas coisas que podem nos fazer voltar no tempo e lembrar até mesmo da infância na qual muitos dos que hoje são adultos, fizeram daqueles corredores agitados e barulhentos, um lugar de diversão, um lugar que poderia encontrar um brinquedo, ou até mesmo comer aquele pastel da barraca de dona “Maria”.

No dia de quinta-feira a feira livre exala cheiros, sons, cores que deixam registros na memória. Ir à feira livre como cliente simplesmente para fazer compras, ou até mesmo passar tempo é bem diferente de ir a campo como pesquisador.

Durante a pesquisa de campo, tivemos um contato mais próximo com os frequentadores, visto que, ao interagir com os entrevistados, conversar, perguntar “como está a feira?” permite um entrelaçamento mais eficaz entre o pesquisador e seu objeto de estudo, ou seja, vivenciá-la e pesquisá-la ao mesmo tempo.

Nesse processo de coleta de dados mais precisamente entre os meses de março, abril e maio de 2018, estivemos indo à feira com maior frequência que o normal, e nas nossas andanças ressaltamos que sempre fomos bem recebidos por todos os entrevistados, uma vez que nenhum deles se negou a nos conceder as entrevistas, pelo contrário, o ânimo era perceptível demonstrado com o sorriso no rosto, mesmo naqueles dias em que diziam “a feira hoje não está boa”, isto é, o movimento financeiro não era dos melhores.

Com base nisso entrevistamos 29 frequentadores, dos variados ramos que a feira oferece, e das diversas funções que os frequentadores desempenham. O perfil desse entrevistado está disposto no apêndice A, onde é mostrado também que na feira livre de Quixabeira encontramos diversos produtos e iguarias, é uma grande variedade de mercadorias que permite ao cliente sair com basicamente tudo que precisa para a manutenção de sua casa e alimentação da sua família.

Na quarta-feira a cidade já começa a mudar sua dinâmica, pois, no outro dia é o dia da feira. Muitos feirantes locais começam a viajar para buscarem seus produtos para abastecer o comércio no dia seguinte, outros feirantes que vem de outra cidade já chegam a Quixabeira e começam a se preparar para arrumar suas mercadorias e suas barracas. No apêndice B, percebe-se que o volume de feirantes que vem à feira no dia de quinta é bastante significativa quando comparado à quantidade de habitantes que cidade possui, isso é mais uma evidência da importância dela para a cidade, pois o fluxo de pessoas aumenta bastante.

Ainda na quarta-feira os caminhões vindos do frigorífico de Riachão do Jacuípe estão em Quixabeira para abastecer o conhecido “Mercadão da Carne”, e estabelecendo assim uma conexão entre as duas cidades através da mercadoria carne, visto que parte do gado que é abatido em Riachão é dos criadores de Quixabeira e depois de abatidos a carne retorna para ser comercializada na cidade, sobretudo na quinta-feira.

Imagem 1: Cotidiano da Feira



Fonte: Araújo (2018)

Imagem 2: Artesanatos da feira



Fonte: Araújo (2018)

Então é quinta-feira, desde o amanhecer a cidade tem toda uma dinâmica, por volta das 4h30 da manhã a circulação das pessoas já começa, alguns vão mais cedo por causa do trabalho, outros por causa das compras pra conseguir os melhores produtos e alguns vão a feira para encontrar pessoas, é onde se reúnem, tanto os que moram na sede, como os que vem da zona rural e cidades vizinhas. A tarde o movimento diminui bastante, porque muitos dos que vieram de fora já foram embora, então as 14h00 a feira já está quase toda desarrumada. Mas o movimento da cidade continua, o dia de quinta é um dia diferente, e persiste até a noite, aonde as pessoas vão à praça e a cidade ganha uma atmosfera de fim de semana.

3.2 As Redes presentes na feira

3.2.1 O processo

Nessa parte, vamos dialogar com os autores já citados nesse trabalho e analisar as falas concedidas pelos entrevistados a fim de percebermos as relações entre as redes de sociabilidade e construção do sentimento de pertencimento dos frequentadores para com a feira.

Como já dito antes, as observações *in loco* em conjunto com as entrevistas narrativas foram nossos instrumentos de coleta de dados na pesquisa de campo. As questões realizadas na entrevista não eram perguntas fechadas, afinal, estamos

falando de uma pesquisa de abordagem qualitativa, e para elucidar nosso objeto, quanto mais os entrevistados falassem abertamente, melhor seria para a construção do corpus que seria analisado. Criamos cerca de seis tópicos guias para serem usados nas entrevistas os quais são:

1. O que a feira livre de Quixabeira significa para sua vida?
2. Você já imaginou a feira livre sem pessoas? Como seria?
3. Quando você está na feira o que mais gosta de fazer?
4. Qual o sentimento que há quando fica uma semana sem ir à feira?
5. Como funciona a relação com outros feirantes?
6. Se um dia a feira livre de Quixabeira acabasse? Como se sentiria?

As entrevistas com os feirantes acontecerem no dia da feira, geralmente nos horários entre 11h00 e 12h00 da manhã, pois, nesse período o fluxo de pessoas e clientes na feira diminuem, permitindo assim que os mesmos falassem de forma mais tranquila sem a preocupação da interrupção. Já com os clientes e demais frequentadores, os horários foram mais variados, geralmente entre 8h00 e 10h00 da manhã. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas de forma fidedigna. Alguns logo perguntavam: “tá gravando?”, por conta de estarmos gravando, às vezes aconteciam reações de insegurança entre os entrevistados, porém, de acordo ao desenrolar da conversa, as reações iam acabando e de repente já nem se lembravam mais que a voz estava sendo captada.

Conforme o Apêndice A, verifica-se que a maioria deles não possui se quer o ensino médio completo e numa rara exceção vemos dois que possuem nível superior. Interessante que em algumas das narrativas é notório que parte deles está trabalhando na feira por não conseguirem outras oportunidades, isso mostra que é mais fácil adentrar ao mercado de trabalho através da feira, e mesmo com todas as dificuldades eles demonstram gostar de estar nela.

Outro detalhe percebido no perfil é que as cidades onde os frequentadores residem são em sua maioria cidades limítrofes ao município de Quixabeira, com destaque para Serrolândia, Capim Grosso, Várzea da Roça, Jacobina e também os povoados do próprio município. Isso ressalta a importância de Quixabeira como centro regional no dia de Quinta, visto que há esse fluxo de pessoas na cidade, se beneficiando dos serviços e mercadorias oferecidas tanto na feira como também em

outros pontos comerciais, como supermercados, lojas, agências bancárias e dentre outros.

3.2.2 Os resultados

A feira livre é um espaço permeado por redes de sociabilidade, os atores ali presentes, interagem, conversam, brincam, fazem amizades, ou seja, eles estão interligados por fios invisíveis, e há uma interdependência entre as pessoas, pois sem pessoas não há feira, e quanto mais pessoas houver mais forte a feira se torna. Nesse sentido, a presença dos feirantes se torna muito importante, não é bom, nem mesmo para os concorrentes pela venda da mercadoria que haja poucas barracas, pois isto representaria uma feira sem movimento financeiro. Sato coloca que:

A feira é construída pela presença dos feirantes e a presença dos feirantes depende da existência da feira. Assim, se cada uma das bancas (ou cada um dos feirantes ambulantes) é uma unidade autônoma, ela depende fortemente da presença de outros. Feira é substantivo coletivo. Essa dependência mútua dá-se num crescendo, e cada feirante, cada banca, em cada uma das feiras tem sua existência soldada aos outros. (SATO, 2012, p. 144).

E isso é o interessante da feira, a mútua dependência entre os feirantes que acaba gerando afetividades, significados e laços informais de cooperação e compromisso, diferentemente de outros tipos de mercado. A fala dos frequentadores também confirma essa ideia:

F11: *Quando falta um camelô a gente já liga pra saber o que foi que teve, quando eu falto também os meninos liga pra saber o que foi, e amizade boa.* (2018)

F3: *Tudo irmão, a gente é tudo amigo, a gente se ajuda, se a gente sai pede pra olhar eles olha, se eles sai a gente olha as dele também, vende como se fosse da gente, e tudo de confiança.* (2018)

F6:

Graças a Deus, durante esses anos que trabalho nunca tive desamizade com ninguém, trabalho sem usura sem ambição sem nada, chega um coitado ai pedindo um lugar para botar banquinha de coisa, jamais vou brigar dizer que não dá porque ele chega precisando daquilo, tá precisando tem que compartilhar as pessoas assim né? Chega os meninos as vezes com um moinho de andu pra vender eu digo coloca na minha banca, chega mercadoria pra lá, por que sei que precisa vender, a gente precisa. (2018)

F2:

Ajuda as vezes chega aqui não tem dinheiro pra trocar pra passar o troco, chega eu vou e troco o dinheiro, outra hora eu empresto o dinheiro mais tarde paga que ai vai ajudando o outro pagar, pegar um peso vamo sipor, ajudo a armar a barraca, botar uma lona ai vai ajudando um ao outro que não vevi sem a ajuda do amigo né, as vezes a gasolina acaba no caminho ai vai lá dá um socorro e vai vivendo, a vida é assim né, até quando a gente morre precisa de alguém pra levar no cemitério. (2018)

Diante dessas falas, percebe-se claramente não só a existência da dependência entre os feirantes, mas uma rede de sociabilidade, fortalecida pelos liames da amizade, da confiança, da cooperação e do comprometimento em auxiliar o próximo, haja vista que quando um deles falta, logo a ausência é notada pelos demais, e a feira já não tem o mesmo sentido sem a presença daquele, os demais chegam ao ponto de fazer ligações telefônicas para saber qual o motivo da ausência.

A colaboração e solidariedade estão sempre presentes, as falas mostradas a cima evidenciam isso, quando, por exemplo, um feirante precisa sair da sua banca, ele sai despreocupado, pois, outros feirantes o subsistirão na ausência dele e vendem os produtos como se fossem deles próprios, passam troco, sem receio algum porque há confiança entre os mesmos.

Outro exemplo mostrado é quando chega alguém querendo vender o produto e outro feirante permite que seja posto em sua banca para vender, isso é solidariedade, cooperação entre eles, e também é uma afronta ao modo de produção capitalista vivenciado hoje, uma vez que nesse sistema os que têm os meios de produção e mais poder aquisitivo sempre estão à frente dos demais, e na feira pelo contrário, uns ajudam o outro a crescerem juntos.

Tudo isso vai desembocar na fala de Warren (2005), onde ela descreve as formas de sociabilidade dentro das redes e dentro dessas formas a solidariedade e reciprocidade estão presentes.

No dia de quinta a feira livre torna a cidade de Quixabeira como um importante centro urbano para as localidades próximas, ou seja, uma rede de circulação de pessoas, bens e serviços. São os fluxos que Dias (2005) aborda que tal conceito ganhou relevância nos últimos tempos, por conta da aceleração dos fluxos de pessoas, bens mercadorias e serviços. Agora vejamos mais uma fala de um frequentador, demonstrando a existência de uma rede geográfica quando questionado o que acontece quando ele não vem à feira:

F8:

Me quebra todo, me quebra todo, porque lá eu não acho, moro no Alto do Capim, lá não acho o que quero, acho aqui, aqui tem de tudo, sê carne, tem peixe, tem tudo, então quando eu não venho praqui eu me quebro. (2018)

Alto do Capim é um povoado de Quixabeira, no dia da feira as pessoas moradoras nem só de Alto do Capim, mas de todos os povoados vem à cidade fazer suas compras, o movimento aumenta, os estacionamentos perto da feira ficam lotados, em sua maioria por veículos de outras localidades, vans, ônibus, enfim, diversos meios de transporte. Ao se aproximar o meio dia percebem-se várias pessoas adentrando nesses transportes com as sacolas e alforjes cheios de mercadorias que servirão de mantimento para suas respectivas famílias por uma semana e na próxima quinta estarão de volta. Desse modo, circularam na rede, pessoas, dinheiro, mercadorias e bens, criando e recriando fios que interligam os locais, as pessoas e os objetos técnicos, formando os agregados de coletivos sócio técnicos que atuam numa espacialidade num determinado período.

Corrêa (1997) discute a ideia de Christalher formulada em 1933, que são as redes dendríticas de localidades centrais, ele vai abordar que no período colonial as cidades portuárias se tornam o centro da rede justamente por sua posição junto ao mar, mais tarde o mesmo Corrêa (2006) diz que as cidades ganham mais importância no arranjo espacial a depender das funções que desempenham dentro da rede e trazendo isso para o contexto da pesquisa, Quixabeira no dia de quinta torna-se uma localidade central dentro da sua área de influência pelo fato de a feira livre ocorrer no referido dia. Nessa ótica, é indiscutível o papel que a feira representa na construção desta rede dendrítica.

Há também muitas regras tácitas, acordos, olhares entre os feirantes que regulam as ações dentro do contexto da feira, como por exemplo, os preços entre aqueles que trabalham com produtos iguais ou similares, a fala do próximo feirante explica como isso ocorre: F3: *um tá vendendo barato demais, o outro não, “eu vendo porque se não vender eu perco” ota hora leva pra casa, fica vea e tal, ai a gente vai... cada quem segure seu preço a gente nunca achou ruim não, entendeu?* (2018).

Percebe-se que é um acordo existente entre os feirantes de não interferir nos preços de outrem, cada qual esforça-se para manter sem preço, sem conflitos ou dissensões entre si, vejamos nas narrativas de F9 e F12 respectivamente:

Todo mundo ajuda outro muito bem, aquela questão de passar troco, as vezes a pessoa só tem cinco real as vezes precisa trocar dez reais ele só tem cinco aí a pessoa acaba servindo aquele cinco, único cinco real que tem e ajuda a servi, a relação muito boa, o vizinho um com outro aqui nem só até uma certa distância ainda você consegue ter uma boa relação assim distância de barraca, mais principalmente os vizinhos a relação é muito ótima. (2018).

Sim sempre tem, camelô é qui nem irmão, unido, quando sai deixa o outro olhando a barraca de outro, aí a gente vai passando o dia nessa luta, vencendo as batalhas. (2018).

Há uma forma diferente da competitividade capitalista, os acordos são informais e a regra entre eles, é de manter as boas relações com os vizinhos de banca, ajudar quando for preciso, sem tirar a independência do outro, uma ajuda que por vezes deixa de fazer algo para si, como por exemplo, fica sem troco, para passar o troco ao vizinho ao lado. Como bem observou Moraes e Araújo (2006) e Sato (2012) a feira livre é um constante reconstituir-se, embasada nas conversações, acordos informais, nas jocosidades, experiências, cores, odores, sabores, saberes, sonoridades, enfim, uma gama de nuances que só quem já vivenciou uma feira livre pode entender a dinâmica que se dá através redes de sociabilidades que se manifestam no seu cotidiano.

3.3 O sentimento de pertencimento na Feira Livre

Diante do que foi discutido até aqui, as questões que passam a suscitar são: seriam as redes de sociabilidades presentes no cotidiano da feira, que fazem com que seus frequentadores gostem da feira? Só estar presente na feira cria os liames do sentimento de pertencente ao lugar? A presença na feira é apenas em função do comércio e/ou do sustento familiar? Ou redes de sociabilidades se constituem com elementos motivadores da frequência constante na feira? Através das narrativas coletadas em campo e a fala de alguns autores vamos perceber como se dá esse processo.

Tuan (1983) afirma que os espaços se tornam lugar à medida que vai ganhando significado, isto é, a vivência, as interações que são mantidas, o apropriar-se do espaço o torna um lugar para os indivíduos. O mesmo autor não imagina o lugar sem os homens, uma vez que os homens se relacionam, transformam e dão significado ao lugar. Partindo desse pensamento, não

poderíamos imaginar a feira sem os homens, é nas trocas, nas conversas, no trabalho, que faz da feira um ambiente de saberes compartilhados. Podemos perceber na fala da vendedora de roupas que há cinco anos trabalha na feira de Quixabeira, quando questionada se a mesma já imaginou a feira sem pessoas? *Pode-se dizer que a feira só existe por causa das pessoas, quando você ver, por exemplo, tem dia que não tem quase pessoas na feira é sinal que a feira não vai prestar.* (F16, 2018).

Carlos (2007) diz que o lugar é a porção do espaço apropriado a vida, onde os moradores se apropriam através da vivência nesses lugares, a mesma usa como exemplo a praça, o bairro, a vila. Assim, os frequentadores da feira livre de Quixabeira têm a feira livre como espaço apropriado para a vida, ou seja, é um lugar para eles. Vejamos nas falas quando questionados sobre o que a feira representa na vida deles:

F6:

Pra mim é tudo, hoje inclusive a feira não da mais, mais já deu alguma coisa, já arrumei alguma coisa aqui através dessa feira, comecei a trabalhar aqui há quinze anos e ai agente arrumou algumas coisinhas graças a Deus, pra mim é boa, essa, trabalho em São José dia de amanhã e pra mim não é igual a essa, sempre a daqui é melhor. Pra mim é boa, a gente tira o pão de cada dia aqui, jamais vou dizer que é ruim, tem que dizer que é boa. (2018).

É possível encontrar vários sentimentos para com a feira. Para alguns constitui um lugar importante porque dela tiram seu sustento, para outros ela representa uma diversão, e nas conversas e observações com os frequentadores, percebemos que para cada um a feira terá um significado que em algumas vezes se assemelham em outras se distanciam. Em conversa com o entrevistado F12, que frequenta a feira há 46 anos, ele tem um vínculo com a feira ainda quando Quixabeira era um povoado, perguntamos o que a feira significava para ele:

Significa porque eu gosto de trabalhar no meio da feira já acostumei, e Quixabeira é uma terra que eu me criei posso dizer, eu vim pra Quixabeira com 17 anos, comecei a trabalhar e continuo até hoje, tenho boas amizades aqui dentro de Quixabeira, pessoal tudo amigo, pessoal hospitaleiro e tanto os velhos como os jovens, tudo eu gosto e quero bem a todo mundo, então me sinto feliz e muito bem em estar trabalhando aqui na praça de Quixabeira. (2018).

Diante disso, retornamos à fala de Gonçalves e Abdala (2013) que diz sobre afirmar-se como família, “ser do pedaço”, quando os atores sociais assim o fazem,

demonstram a existência de sociabilidade, a qual dá base para que se desenvolva o sentimento de pertencimento.

Na entrevista com a vendedora de queijos e doces, ela deixa claro que a feira para ela também é um lugar de diversão: *Uma diversão, a gente vem pá feira, ao mesmo tempo que a gente vem comprar as coisa, ver os amigos, eu mesmo por exemplo tô trabalhando, trabalho me advirto, converso com as pessoas.* (F1, 2018). Ela ainda fala da mudança de comportamento das pessoas, acrescentando que atualmente: *o modo de vida das pessoas mudou mais, não tem mais aqueles bate papo nas casa, quase que não tem mais depois de televisão , internet, ai muita das vezes na feira, a pessoa bate um papinho ali, compra suas coisas e se torna uma diversão.* (2018).

Essa fala chama a atenção, pois a mesma reconhece que com os algumas tecnologias inseridas no cotidiano das pessoas, fez com que a forma de interagir fosse modificada, ou seja, as conversas na casa do vizinho diminuíram e a feira livre, falando da realidade em estudo seria um lugar que quebra esse processo, é o lugar do encontro ou até mesmo do divertimento como a mesma coloca, e o fato dela frequentar a feira fez com que percebesse essa forma de interação.

Encontramos também o frequentador que fala da importância na questão da feira como fonte de renda e trabalho:

É importante porque aqui na feira muitas pessoas que não conseguem emprego em uma empresa alguma coisa assim, tem a feira aqui, eu mesmo por exemplo disse: 'não quero trabalhar pros outros' vou para a feira que lá eu trabalho pra mim mesmo do jeito que eu quiser então eu acho que isso é uma forma de emprego para aqueles que não conseguem entrar no mercado de trabalho como uma empresa essas cosas assim. (F4, 2018).

Desse modo, a feira é um lugar onde o comércio, as tradições, os fluxos de pessoas e a novidade são evidenciados, é de onde muitas famílias tiram seu sustento, mas sem dúvida é onde os atores sociais que compõe e fazem a feira acontecer se relacionam, dialogam, criam afetividade entre feirantes e clientes, estabelecem ajuda mútua, e assim, criam e reformam os liames que fazem da feira um lugar, se sentem pertencentes a ela, de uma forma ou de outra, mas a feira para cada um que dela faz parte tem um significado e importância. Além das tradições que são mantidas, os traços da cultura, o linguajar, os costumes, os artesanatos presentes, a culinária oferecida aos frequentadores dentre outros aspectos, ela também permite que as pessoas tenham contato com o 'novo', a venda dos

carregadores de celulares, celulares, as caixinhas de som, ou o uso desses objetos na feira, evidenciam os contrastes entre as tradições e o novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira livre é um fenômeno importante nas sociedades desde a antiguidade e seu desenvolvimento se destaca em épocas diferentes até os dias atuais. A sua dinâmica está inserida no cotidiano das pessoas que dela fazem parte, seus frequentadores.

Pesquisar a feira livre de Quixabeira fez que com a olhássemos de forma diferente, percebemos que não se trata apenas de comércio ou prestação de serviços com fluxo próprio de pessoas e objetos, mas também de uma teia de significados presentes ali.

O nosso objetivo foi compreender a relevância, a dinâmica e as redes de sociabilidade dentro da feira e qual as suas influências na construção do sentimento de pertencimento de seus frequentadores. Através das falas coletadas nas entrevistas, ficou claro que as redes de sociabilidades que permeiam, informam e (re) organizam no cotidiano da feira dão subsídio para a construção do sentimento de pertencimento.

As redes de sociabilidade identificadas na feira foram, a amizade entre seus frequentadores, as regras tácitas estabelecidas, a colaboração e solidariedade de feirante para feirante e de feirante para clientes, as ajudas mútuas, o respeito e o preocupar-se com outro. Essas formas de sociabilidade vão solidificando, com o passar do tempo, os elos estabelecidos na convivência e fazem com que os frequentadores gostem da feira e se sintam pertencentes a ela, constituindo assim um lugar.

As circunstâncias são várias que fazem com que as pessoas estejam na feira, no entanto, não alteram no gosto e no prazer de estar nela. Não são apenas compras ou vendas, mas sim todo um enredo de sociabilidades presentes e tão facilmente percebidas, entre feirantes e clientes, quando acontecem muitas brincadeiras, sorrisos, afeições, ou as “pileras”¹ como assim o dizem.

¹ Brincadeiras, gracejos, piadas ou contadas que são ditas entre pessoas que mantêm um certo nível de afeição.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S, P N, de C. *Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG*. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.
- BAHIA. Gabinete do Governador. *Cria o Município de Quixabeira, desmembrado do Município de Serrolândia*. Lei 5.019 13 de junho de 1989.
- CARLOS, A. F. A. *O Lugar no Mundo*. São Paulo. FFLCH. 2007.
- CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: *Explorações Geográficas*. CASTRO, I, E; GOMES, P,C,C; CORREA, R, L. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P 279-318.
- _____. Estudo da Rede Urbana: Uma Proposição Metodológica. In: *Estudos sobre a Rede Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.15-57.
- _____. As Redes de Localidades Centrais nos Países Subdesenvolvidos. In: *Trajelórias Geográficas*. 6ed. Rio De Janeiro, Bertrand Brasil, 2011. P. 41-91.
- DAMERCÊ, N. O. JESUS, D. X. *Feira e lugar: um olhar humanista sobre a feira-livre de Jacobina-BA*. 2016. Monografia. Colegiado de Geografia. Universidade do Estado da Bahia.
- DIAS, L. C. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (orgs.) *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, pp. 11-28.
- _____. Redes: emergência e organização. In: *Geografia: Conceitos e Temas*. CASTRO, I, E. GOMES, P, C, C. CORRÊA, R, L. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. p. 141-164.
- GONÇALVES, A, O. ABDALA, M, C. “Na Banca do ‘Seu’ Pedro é Tudo Mais Gostoso”: Pessoaalidade E Sociabilidade Na Feira-Livre. In: *Ponto Urbe- Revista online*. 2013. Disponível: [HTTP://pontourbe.revues.org/528](http://pontourbe.revues.org/528); DOI: 10.4000/pontourbe.528. Acesso em: Janeiro/ 2018.
- LEITE, F. B. Feiras do sertão nordestino. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 4, ano XXVI, p. 665, out./dez. 1964.
- HAESBAERT R. *Territórios alternativos*. Niterói. Ed.UFF. São Paulo: CONTEXTO, 2002.
- HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. In: *Revista Território, Rio de Janeiro*, Ano IV (7), julho/dezembro de 1999, p. 67-78.

IBGE. Dados do município de Quixabeira- BA, 2010. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291750>. Acesso: em 10 de abril de 2018.

JOVCHELODIVTCH, S.; BAUER, M. W. Entrevistas narrativas. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90 – 113.

MARCONI, M, A. LAKATOS, E. M. Metodologia quantitativa e qualitativa. In: *Metodologia Científica*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011. p.269-290.

MATTA, A. História da Bahia: Licenciatura em história. In: *A Bahia: Mundos que se cruzam no século XVI*. Salvador, EDUNEB, 2013, p.31.

MORAIS, I, R, D. ARAÚJO, M, A, A. Territorialidades e Sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). In: *Caminhos de Geografia – Revista online*. Fev/2006. p. 244-249.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. In: *etc..., espaço, tempo e crítica*. Nº 1(3), VOL. 1, 1º de junho de 2007.

WARREN, I, S. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (orgs.) *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,2007, p. 29-50.

NOGUEIRA, A. R. B. A Geografia e a experiência do mundo. In: *Geografia e Pensamento geográfico no Brasil*. BONFIM, P. R. A, NETO SOUSA, M. F de. São Paulo, FFLCH-USP, GEOPO-USP. Annablume, 2010.

_____, A, R, B. Lugar como a representação da existências. In: *Maneiras de ler: Geografia e Cultura*. HEIDRICH, A, L. COSTA, B, P. PIRIS, C, L, Z. Porto Alegre : Imprensa Livre : Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 83-89.

SATO, L. *Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade*. São Paulo, Edusp, 2012.

SEI. Perfil socioeconômico do Município de Quixabeira 2016. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

SOUZA, M. L. de. Redes. In: *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 1ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013. p, 163-178.

_____, M, L. Da cidade individual à rede urbana. In: *ABC do Desenvolvimento*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p 49-61.

TUAN , Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia Oliveira. DIFEL, São Paulo: 1983.

APÊNDICE A

Entrevistados	Idade em anos	Escolaridade	Tempo que frequenta à feira.	Frequência na feira	Onde mora	Função que desenvolve na feira	Tipo de mercadoria que trabalha
F01	39	Ensino fundamental Incompleto	1 ano e meio	Semanalmente	Várzea da Roça-BA	Feirante	Verduras e Frutas
F 02	40	Ensino Fundamental Incompleto	3 anos	Semanalmente	Várzea da Roça	Feirante	Verduras e Frutas
F 03		Ensino Fundamental Incompleto	6 anos	Semanalmente	Capim Grosso	Feirante	Hortaliças
F 04	20	Superior incompleto	1 ano	Semanalmente	Ramal Quixabeira	Feirante	Verduras, temperos
F 05	58	Fundamental Completo	40 anos	Semanalmente	Quixabeira	Cliente	-
F 06	50	Ensino Fundamental Incompleto	15 anos	Semanalmente	Município de Jacobina	Feirante	Hortaliça, Legumes e Frutas
F 07	42	Superior Completo	25 anos	Semanalmente	Quixabeira – BA	Cliente	-
F 08	63	Ensino Fundamental incompleto	30 Anos	A cada duas semanas	Quixabeira – BA	Cliente	-
F 09	40	Ensino Médio incompleto	16 Anos	Semanalmente	Junco – Jacobina – BA	Feirante	Verduras e Legumes
F10	37	Ensino Fundamental Incompleto	08 Anos	Semanalmente	Mirangaba – BA	Feirante	Frutas
F 11	48	Ensino Fundamental Incompleto	25 Anos	Semanalmente	Quixabeira – BA	Feirante	Roupas e calçados.
F12	63	Ensino Fundamental Incompleto	52 Anos	Semanalmente	Maracujá – Serrolândia – BA	Feirante	Roupas
F 13	62	Ensino Fundamental Incompleto	-	A cada duas semanas	Alto do Capim-Quixabeira-BA	Cliente	-
F 14	43	Ensino Médio Completo	15 Anos	Semanalmente	Quixabeira-BA	Feirante	Queijos/Requeijão Doces
F 15	35	Ensino Fundamental Incompleto	5 Anos	Semanalmente	Várzea do Meio-Várzea da Roça- BA	Feirante	Beiju
F16	28	Ensino Médio Completo	5 Anos	Semanalmente	Capim Grosso-BA	Feirante	Roupas

F17	33	Ensino Médio Completo	10 Anos	Semanalmente	Quixabeira-BA	Cliente	-
F18	62	Fundamental incompleto	20 Anos	Semanalmente	Quixabeira-BA	Cliente	-
F 19	46	Fundamental incompleto	23 Anos	Semanalmente	Quixabeira – BA	Cliente	-
F 20	40	Fundamental incompleto	06 meses	Semanalmente	Mirangaba – BA	Feirante	Frutas
F 21	67	Fundamental incompleto	15 anos	Semanalmente	Quixabeira – BA	Feirante	Lanches
F 22	45	Ensino Médio Completo	20 anos	Semanalmente	Quixabira – BA	Feirante	Roupas
F 23	23	Ensino Médio Incompleto	15 anos	Semanalmente	Campo Verde – Quixabeira-BA	Feirante	Verduras
F 24	19	Superior incompleto	11 anos	Semanalmente	Quixabeira – BA	Cliente	-
F25	62	Fundamental incompleto	10 anos	Semanalmente	Capim Gorrso– BA	Feirante	Utensílios de cozinha
F 26	41	Fundamental incompleto	22 anos	Semanalmente	Capim Grosso – BA	Feirante	Artesanato em couro e palha; ferragens
F 27	39	Fundamental incompleto	9 anos	Semanalmente	Serrolândia – BA	vendedor ambulante	Produtos para dedetização de insetos
F 28	46	Ensino fundamental completo	35	Semanalmente	Campo – Verde; Quixabeira – BA	Feirante	Carnes
F 29	48	Ensino médio completo	35	Semanalmente	Quixabeira – BA	Cliente	-

APENDICE B

Média de feirantes por feira	Valores das tributações			Média de arrecadação por feira
350	Barraca de grande porte	Barraca de médio porte	Barraca de pequeno porte	R\$ 1.750,00
	R\$ 10,00	R\$ 5,00	R\$ 3,00	

Fonte: Departamento de tributos – Prefeitura Municipal de Quixabeira – BA, maio de 2018